



## **Os Black Blocs na mira do Portal UOL: Uma análise a partir de Traquina e Bourdieu<sup>1</sup>**

Thaís Contarin SILVEIRA<sup>2</sup>

Índiara FERREIRA<sup>3</sup>

Universidade de Uberaba, Uberaba, Minas Gerais

**RESUMO:** Este trabalho relaciona o conceito de violência simbólica de Bourdieu (2001) com a teoria Instrumentalista do Jornalismo, conforme Traquina (2005). Duas reportagens envolvendo tática Black Bloc, publicadas pelo portal Universo Online, durante as manifestações realizadas no primeiro semestre de 2013, foram objetos do estudo. Percebeu-se que as fontes oficiais permitiram que detentores do poder simbólico triunfassem sobre as classes dominadas. Os *media* serviram como pinos de interesses políticos, desmoralizaram e degradaram a imagem do grupo que se posicionava contra o sistema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, Comunicação; Teoria instrumentalista; Black Blocs e Portal UOL.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo é um recorte do projeto de pesquisa PIBIC/FAPEMIG, intitulado Black Bloc: os sinais da violência simbólica na cobertura jornalística do Portal UOL sob a ótica da teoria instrumentalista, e integra ao Núcleo de Pesquisa em Novas Teorias da Comunicação (NUPENTEC/UNIUBE), na linha de estudo e pesquisa de Educomunicação.

Os protestos realizados no Brasil no segundo semestre de 2013 renderam várias pautas dentro das redações jornalísticas dos mais diferentes meios de comunicação. Jornais impressos, revistas, portais e redes de rádio e televisão deram ampla cobertura ao assunto e houve até mesmo a criação de equipes especiais para a cobertura do manifesto.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo (GP Teorias do Jornalismo) do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Estudante do 5º período de Jornalismo da Uniube, bolsista PIBIC/FAPEMIG, integrante Nunpetec/Uniube – Educomunicação. email: [tcontarin@gmail.com](mailto:tcontarin@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Mestre em Educação (Uniube), especialista em Arte e Criatividade, também em Tecnologias Midiáticas (Unifran), pesquisadora Fapemig, integrante do Nunpetec/Uniube - Educomunicação. email: [indiara.ferreira@uniube.br](mailto:indiara.ferreira@uniube.br)



De acordo com Ferreira (2014), sabe-se que a partir da primeira década do século XXI, as manifestações de violência deixaram de ser consideradas dificuldades individuais e tornaram-se questão de saúde pública.

É importante ressaltar que a questão da violência vai muito além da agressão física. De acordo com Bourdieu (2001), a própria pretensão de certos grupos em impor suas vontades e interesses como prioridade em uma sociedade diversa, sem levar em consideração o outro, é uma forma de agressividade. A essa forma de brutalidade foi atribuída a nomenclatura de violência simbólica.

A teoria instrumentalista, também conhecida como teoria da ação política, tornou-se o principal objeto de pesquisa de Herman e Chomsky.

“Para Herman e Chomsky, as notícias são ‘propaganda’ que sustenta o sistema capitalista. [...] Na versão de esquerda, os *media* noticiosos são vistos como instrumentos que ajudam a manter o sistema capitalista; na versão de direita, servem como instrumentos que põem em causa o capitalismo”. (TRAQUINA, 2005, p. 163).

É importante ressaltar que a noção de direita e esquerda proposta por Herman e Chomsky deriva do sistema político americano. Para eles, na teoria da ação política de direita, é o Estado que determina as notícias. Por outro lado, na teoria de esquerda, os autores acreditam que as notícias são determinadas pelos interesses ideológicos capitalistas.

Este estudo teve como objetivo geral abordar a manifestação da violência simbólica em duas reportagens, escolhidas aleatoriamente, e publicadas sobre o Black Bloc no portal Universo Online, popularmente conhecido como UOL: “Cabral culpa ‘black blocs’ por confronto entre manifestantes e PM no Rio”, publicada no dia 13 de agosto de 2013, e “PM diz que trata black blocs como ‘organização criminosa’”, publicada no dia 26 de novembro de 2013.

Os demais objetivos deste estudo limitaram-se a apresentar os conceitos de violência simbólica, detalhar a ação da violência simbólica nas classes sociais, contextualizar o conceito de Black Bloc e examinar as manifestações da violência simbólica de Pierre Bourdieu a partir das duas reportagens publicadas no Portal Uol.

Entende-se que os seus resultados desta investigação poderão apresentar parâmetros para que professores e alunos dos cursos de Comunicação Social percebam as consequências advindas dos discursos violentos, em especial, referentes à negação do Outro como sujeito moral, e possam refletir sobre os impactos de seus comportamentos



enquanto integrantes do processo midiático, sobretudo, no que tange ao reforço de modelos sociais existentes.

Como metodologia, recorreu-se a Gil (1991) para quem a Pesquisa Exploratória busca uma familiarização com o problema como forma de deixá-lo explícito ou quem sabe partir para a construção das hipóteses. Ainda de acordo com o autor, os procedimentos técnicos aqui fundamentam-se nas pesquisas bibliográfica e documental. Recorre-se aos estudos de Traquina (2005), Bourdieu (2001) e Depois-Déri (2014), bem como aos links das duas reportagens veiculadas pelo Portal Uol, citadas anteriormente.

## **2. A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA**

O estudo da violência simbólica foi abordado enfaticamente por Pierre Bourdieu, muito depois da instalação desse conceito na sociedade e bem antes das manifestações violentas passarem a ser consideradas questão de saúde pública e não apenas dificuldades individuais. Ao analisar a história da humanidade, percebe-se que a influência do poder simbólico exerce um grande papel nas relações sociais desde a Antiguidade. Verifica-se, ainda, que a violência simbólica acompanhou toda a periodização da história. Passou pela Idade Antiga, pela Idade Média, pela Idade Moderna e, por fim, instalou-se na Contemporaneidade.

Observou-se que esses períodos foram marcados, em sua maioria, por acontecimentos relacionados à violência física que por ser visualmente chocante ganha maior ênfase do que as agressões simbólicas. Contudo, a conscientização da ação da violência simbólica no meio social tornou-se evidente, mas constitui-se objeto de estudo apenas a partir do século XX.

Para Bourdieu (2001), o ser humano sofre a influência da violência simbólica desde a infância. Entende o autor que a primeira instituição a impô-la é a família, seguida pela escola e pela sociedade. Sua forma sutil camufla a imposição de poder, entretanto, sabe-se que “as diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição social mais conforme seus interesses [...]” (BOURDIEU, 2001, p.11).

Dessa forma, a busca pela imposição de uma única vontade torna-se uma agressão ao outro, que não foi levado em consideração. As práticas de violência simbólica criam um ciclo vicioso na medida em que os dominados reproduzem as ações dos dominantes com aqueles que se encontram abaixo de sua hierarquia.



Para Ferreira (2013, p.12), “quando os sujeitos não conseguem estabelecer diálogos calcados no respeito às diferenças, surgem a licenciosidade e, em alguns casos, as violências sutis”.

### **3. A AÇÃO DA VIOLÊNCIA E A TEORIA INSTRUMENTALISTA**

De acordo com Bourdieu (2001, p.8) “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo o exercem”. Percebe-se que existe uma naturalização das ações simbólicas violentas e, por isso, a legitimação de dominação entre dominados e dominantes dá-se quase que de forma consensual.

A relação entre dominantes e dominados é, geralmente, definida pela hierarquia das classes sociais e, assim, o poder simbólico é, na maioria das vezes, obtido pela força física ou econômica.

A posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa na distribuição dos poderes que atuam em cada um deles, seja, sobretudo, o capital econômico – nas suas diferentes espécies -, o capital cultural e o capital social e também o capital simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama, etc. que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital. (BOURDIEU, 2001, p.134).

Desse modo, observa-se que as classes com maior prestígio impõem, facilmente, suas vontades e pretensões para aqueles que não fazem parte de uma “hierarquia superior” e ditam as regras da produção do senso comum. Segundo Bourdieu (2001, p. 10), “a cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes [...]”

Além disso, entende-se que a imposição da cultura dominante colabora para a desmobilização, ou seja, para a falta de consciência das classes dominadas, já que elas se submetem, mesmo que inconscientemente, ao domínio alheio.

Percebe-se que são ações quase imperceptíveis – por já serem naturalizadas – levam à concretização da dominação.



[...] a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante. (BOURDIEU, 2001, p.134).

Na relação mídia/sociedade, a dominação geralmente ocorre por meio do capital simbólico; relacionado ao prestígio, à fama e à reputação dos meios e dos *media*, que propagam a informação.

A população, especialmente a parte dominada, é induzida a tratar aquilo que lhe é imposto por meio do poder simbólico como uma realidade que estabelece um sentido imediato do mundo.

Contudo, sabe-se que os veículos de comunicação, em quase sua maioria, estão ligados a dominantes detentores de capital econômico que possuem seus próprios interesses. Na maior parte dos casos, esses interesses já são definidos dentro da própria linha editorial de cada redação. Isto é, percebe-se que até mesmo o poder simbólico pertencente à mídia é uma forma de reprodução da própria violência simbólica que é exercida dentro das redações jornalísticas.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço de sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, [...] para a domesticação dos dominados. (BOURDIEU, 2001, p.11).

Para Traquina (2005, p. 163) “nas teorias da ação política, os *media* noticiosos são vistos de uma forma instrumentalista, isto é, servem objetivamente para interesses políticos”.

As teorias da ação política emergiram na década de 70, cerca de duas décadas depois da criação das teorias do *gatekeeper* e a organizacional. Nos anos 70, os estudos jornalísticos deixaram de se preocupar apenas com os indivíduos e as organizações, passando, assim, para um âmbito de pesquisa mais amplo, completo e complexo.



Na nova fase de investigação, a relação entre jornalismo e a sociedade conquista uma dimensão central: o estudo do jornalismo debruça-se sobre as implicações políticas e sociais da atividade jornalística, o papel social das notícias e a capacidade do Quarto Poder em corresponder às enormes expectativas em si depositadas pela teoria democrática. (TRAQUINA, 2005, p.161).

O autor considera ainda que a teoria Instrumentalista funciona como um modelo de propaganda, ou seja, como uma campanha publicitária maciça em defesa de interesses de distintos grupos.

[...] frequentemente um tema ou acontecimento é capaz de servir às relações públicas ou exigências ideológicas de um grupo de poder. Estes temas ou acontecimentos são então vistos como ‘grandes histórias’ e podem ajudar a mobilizar a opinião pública numa direção específica. (TRAQUINA, 2005, p.166)

Sendo assim, é possível identificar traços de violência simbólica relacionados à teoria Instrumentalista, pois, assim como já citado anteriormente, Bourdieu (2001) considera que as imposições, que não levam em consideração o Outro e visam apenas o interesse de grupos específicos, são consideradas uma forma de violência.

Vale ainda ressaltar que, na visão da teoria Instrumentalista, segundo Traquina, existem duas vertentes que dividem a classe jornalística. A primeira é a versão de esquerda, na qual a mídia é vista como instrumento que ajuda a manter o sistema capitalista; e a segunda, é a versão de direita, em que a mídia é considerada questionadora do sistema.

Seja de esquerda ou de direita, essas teorias defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção da sua visão do mundo, da sociedade, etc. (TRAQUINA, 2005, p.163).

#### **4. OS BLACK BLOCS**

A tática Black Bloc foi empregada pela primeira vez no início da década de 80, em Berlim Ocidental, e espalhou-se, em seguida, por Dinamarca e Noruega. No Brasil, pouco se ouvia falar sobre os Black Blocs, até o início das manifestações que atingiram o país, durante o primeiro semestre de 2013. No entanto, os mascarados de vestes pretas



que agiam coletivamente se tornaram o centro das atenções, ao longo dos protestos, após os episódios retratados na mídia.

Com o desconhecimento da maior parte da população, a tática Black Bloc, atuante no Brasil, passou a ser retratada como um grupo de jovens vândalos, sem conhecimento político, que tinha como objetivo tumultuar e provocar a desordem nos manifestos. É possível notar que essa relação contradiz a explicação de Dupuis-Déri (2014):

[...] o que distingue a tática dos Black Blocs não é o recurso à força, tampouco o uso de equipamentos defensivos e ofensivos em passeatas e manifestações – ainda mais porque muitos Black Blocs já protestaram pacificamente sem qualquer equipamento. Na verdade, o que diferencia essa tática de outras unidades de choque é sobretudo sua caracterização visual – a roupa inteiramente preta da tradição anarcopunk. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.40).

Ainda segundo o autor:

embora os Black Blocs por vezes recorram à força para exprimir sua crítica radical, eles costumam se contentar em desfilar calmamente. O principal objetivo de um Black Bloc é indicar a presença de uma crítica radical ao sistema econômico e político. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.10).

Conforme Solano (2014), após entrevista com vários integrantes do movimento, a maioria aderiu à tática a partir das manifestações que aconteceram em junho de 2013. Segundo os relatos publicados “alguns tinham conhecimento prévio do significado do Black Bloc, mas boa parte só teve contato teórico e prático com essa realidade depois que começaram a circular na internet diversas informações sobre a tática como “resposta à ação policial em junho” (SOLANO, 2014, p. 52).

Verifica-se, também, que as informações disseminadas sobre os Black Blocs não se limitaram ao mundo virtual. A tática chamou a atenção de todas as plataformas midiáticas e, dia após dia, os mascarados vestidos de preto passaram a fazer parte da cobertura jornalística. O assunto era abordado desde pequenas notas em jornais até análises e discussões profundas sobre o tema, que logo se tornaram objeto de estudo.

Os Black Blocs chamaram a atenção especial e se constituíram como um grupo político distinto, em parte, graças a seu visual único, mas também porque foram associados de forma relativamente indiscriminada à anarquia e à irracionalidade destruidora. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.18).



Além disso, o autor afirma que “a mídia tradicional retrata os Black Blocs como excepcionalmente violentos. No entanto, quando comparados à violência extrema e muitas vezes letal praticada em conflitos sociais no passado e no presente, eles parecem até contidos” (DEPUIS-DÉRI, 2014, p. 35).

## 5. O OLHAR DO PORTAL UOL

O portal Universo Online foi o primeiro a produzir conteúdo noticioso na internet brasileira, em abril de 1996. Para Ferrari (2007, p.13), “no Brasil, o caráter noticioso dos primeiros portais de informação, oriundos de empresas jornalísticas, criou leitores ávidos por informações escritas, ansiosos para ver reproduzida na tela impressa a instantaneidade do rádio”.

A avidez por informação pode ser exemplificada com dados da Omniture, uma empresa norte-americana que oferece ferramentas de análises para websites. De acordo com a organização, o UOL possui, hoje, mais de 7,4 bilhões de páginas vistas em todos os meses e sua home page recebe mais de 50 milhões de visitantes únicos por mês.

Assim como todas as outras mídias, o portal UOL participou da cobertura das manifestações no primeiro semestre de 2013. As origens dos protestos são de 2012, quando o Governo Federal pressionou o congelamento das tarifas de ônibus, com a justificativa de segurar a inflação anual. Os reflexos vieram um ano depois com o reajuste quase simultâneo.

Suríram movimentos contra o aumento. Os primeiros, em Porto Alegre (RS), em maio de 2013. As ações ganharam apoio em Goiânia (GO) e, em seguida, a adesão dos grupos Movimento Passe Livre (MPL/SP); Fórum de Lutas Contra o Aumento das Passagens (Fórum de Lutas/RJ); e da Assembleia Popular Horizontal (BH) atingindo outras cidades do país. Neste contexto, fizeram-se presentes os Black Blocs.

A primeira reportagem analisada foi “Cabral culpa ‘black blocs’ por confronto entre manifestantes e PM no Rio”, veiculada no dia 13 de agosto de 2013. Escrita em 62 linhas, a matéria traz uma única foto logo abaixo do título. Na imagem, é possível ver policiais disparando bomba de gás lacrimogêneo em um protesto feito contra o governador do Rio de Janeiro. Na parte direita da página, encontram-se quatro hiperlinks para que o internauta “Entenda o Black Bloc”.

No título da primeira reportagem é possível detectar o ataque ao movimento. Os black blocs são considerados culpados pelo confronto entre manifestantes e policiais em frente a Igreja da Candelária antes do início do protesto contra Cabral e a CPI. Esta





atribuição de culpa do movimento faz com que o leitor inicie a leitura com o pensamento direcionado.

Dessa forma, nota-se que, segundo Bourdieu (2001), já se pretende fazer a construção de uma realidade que representa um sentido imediato do mundo social. Essa realidade é imposta pela utilização do capital simbólico e, com sua aplicação, pretende construir uma realidade que representa um sentido imediato do mundo social.

“[...] o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de *eufemização*) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia.” (BOURDIEU, 2001, p. 15)

Outro fator que chama a atenção é que a fonte citada, o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, se posicionou contra os black blocs durante toda a reportagem. Durante suas falas, usou expressões como “grupos que tentam coagir a democracia” e, também, afirmou que “houve a aparição de grupos radicais com o intuito de gerar caos, intimidação e coação”. O governador foi a única fonte ouvida para dimensionar os acontecimentos e, por isso, Traquina (2005) considera esta atitude questionável, indicando a parcialidade da informação, pois a utilização de uma única fonte pode comprometer a realidade dos fatos. “As notícias devem refletir a realidade sem distorção”. (TRAQUINA, 2005, p. 162).

O sentido imediato do que foi dito pelo governador – que se enquadra no grupo da cultura dominante e detentora de capital simbólico – pode ser passível de interferência na análise feita pelo internauta. A influência de Campos no meio social pode ser fator decisivo para a consideração final do leitor.

Além disso, percebeu-se que em nenhum momento da reportagem foi dada a abertura para que algum participante do movimento desse um depoimento sobre os acontecimentos.

Ao levar em consideração Traquina (2005), notou-se que a cobertura neste caso não foi imparcial. “Estudos da parcialidade partem do princípio de que as notícias devem refletir a realidade sem distorção” (TRAQUINA, 2005, p.162). A utilização de uma única fonte, sem levar em consideração os demais envolvidos podem ter



comprometido a veracidade da informação. Assim, nota-se que o repórter instiga o leitor a acreditar que os black blocs eram culpados pelos acontecimentos da noite anterior

A segunda reportagem analisada foi publicada no dia 26 de outubro de 2013, com o título “PM diz que trata black blocs como ‘organização criminosa’”. Não existe nenhuma foto para ilustrar as 44 linhas escritas e divididas em um intertítulo. Assim como na primeira reportagem analisada, nesta também estão presentes os hiperlinks intitulos de “Entenda o Black Block”. Percebeu-se que, assim como na primeira reportagem analisada, o repórter traz uma expressão impactante no título. Nos dois casos observou-se o interesse de definir a tática Black Bloc como negativo e, assim notou-se que a abordagem na matéria “é capaz de servir às relações públicas ou exigências ideológicas de um grupo de poder.” (TRAQUINA, 2005, p. 166).

A expressão “organização criminosa”, além de ser utilizada no título, foi utilizada no texto por mais três vezes. “Os Black Blocs são compostos por agrupamentos pontuais de indivíduos ou grupos de pessoas formados durante uma marcha ou manifestação”. (DEPUIIS-DÉRI, 2014, p. 10).

A reportagem instigou o leitor sobre a tática dos Black Blocs e, mais uma vez, pareceu querer impor o pensamento da classe dominante. Neste caso, o detentor de poder simbólico é a própria Polícia Militar, representada pelo porta-voz major Mauro Lopes.

No primeiro parágrafo da matéria o major afirmou que “a corporação deve garantir o direito de manifestação da população e proteger manifestantes. Por isso, [...] será mais enérgica com os black blocs”. No trecho destacado ficou evidente que a PM não considera os participantes da tática como manifestantes. Pelo contrário, na frase seguinte, o porta-voz utilizou a palavra “criminosos” ao se dirigir ao grupo. “Não podemos ceder a esses criminosos”, declarou ele.

Durante a reportagem usou-se ainda a palavra “quebra-quebra”, para se referir a um confronto durante a manifestação da Semana de Luta pela Tarifa Zero, na região central de São Paulo. Com a expressão, incentivou-se a aversão à tática, que tem como objetivo principal criticar radicalmente o sistema econômico e político.

A imagem pública dos Black Blocs foi distorcida pelo ódio e pelo desprezo que seus muitos críticos alimentam por eles: políticos, policiais, intelectuais de direita, jornalistas, acadêmicos e porta vozes de diversas organizações progressistas institucionalizadas, assim como

outros manifestantes que acham que eles colocam em risco pessoas que não estão preparadas para enfrentar a violência policial.” (DEPUIS-DÉRI, 2014, p. 23).

Além disso, o autor afirma que “o tipo de ação dos Black Blocs entra dentro do espetáculo midiático, na medida em que busca introduzir um contraespetáculo, ainda que, de certa forma, este dependa do espetáculo oficial, e da mídia pública e privada.” (Depuis-Déri, 2014, p. 12).

De acordo com a teoria instrumentalista de Traquina (2005, p. 163) “[...] as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção da sua visão de mundo, da sociedade, etc”.

Deste modo, notou-se que a reportagem foi utilizada para servir aos interesses da PM que, no caso, era tachar a tática como uma organização criminosa e transmitir essa ideia à população. Percebeu-se também que, em nenhum momento, levou-se em consideração as características próprias do Black Bloc antes de julgá-lo como um grupo de “criminosos”, criando, assim, uma característica de desrespeito ao outro para impor a vontade de grupos detentores do poder simbólico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mesclar os conceitos estudados alinhados com as reportagens analisadas, percebeu-se a existência da violência simbólica por meio da palavra em relação à tática black bloc nas matérias publicadas pelo portal Universo Online.

As definições degradantes e trechos com sutis insinuações contribuíram para a indução do pensamento do leitor. A falta de fontes ligadas ao Black Bloc mostra que não houve preocupação em considerar o Outro enquanto uma classe que buscava apresentar pensamentos e interesses em meio a um cenário político repleto de protestos e reivindicações que acirraram as relações entre a sociedade e o governo.

As reportagens com apenas fontes oficiais permitiram que os detentores do poder simbólico triunfassem sobre as classes dominadas e, assim, observou-se pela ótica da teoria Instrumentalista que os *media* serviram como pinos de interesses políticos. Desmoralizaram e degradaram a imagem do grupo que se posicionava contra o sistema.

Nessa ótica, observou-se a imposição da vontade das classes detentoras do poder simbólico nas angulações e nos discursos apresentados. Uma forma naturalizada de violência e imperceptível aos olhos da maioria.



## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Hanrrikson de. **Cabral culpa ‘black blocs’ por confronto entre manifestantes e PM no Rio**. 2013, disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/10/07/black-blocs-tomam-e-vandalizam-pelo-menos-cinco-onibus-no-rio.html>. Acesso em 28 abril 2015.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil. 4ª edição. 2001.

DUPUIS-DÉRI, Francis. **Black Blocks**. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2014.

FERREIRA, Indiara. **Diferentes percepções da violência online: o Facefólio como rede de relações de poder**. 2014, disponível em <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-0884-1.pdf>. Acesso em 7 maio 2015.

FERREIRA, Indiara. **O Ciberespaço e as relações de poder: a experiência de professores e alunos na Universidade de Uberaba no projeto Facefólio**. 2014, disponível em <http://www.uniube.br/propepe/mestrado/educacao/arquivos/2014/listaDissertacoes/Dissertacao-Indiara6.pdf>. Acesso em 10 maio 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. São Paulo: Ed. Atlas, 1991.

SOLANO, E. MANSO, P.C. NOVAES, W. **Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc**. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005.

VELOSO, Letícia. **PM diz que trata black blocs como ‘organização criminosa’**. 2013, disponível em <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/08/13/cabral-culpa-black-blocs-por-confronto-com-a-pm-no-rio.html>. Acesso em 28 de abril de 2015.

\_\_\_\_\_. **O UOL é a maior empresa brasileira de conteúdo, produtos e serviços de internet, desde sua estreia em abril de 1996**. Disponível em <http://sobreuol.noticias.uol.com.br/>. Acesso em 11 maio 2015.